



4787 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT16 - Educação e Comunicação

As experiências das infâncias através de narrativas das crianças no Instagram e WhatsApp
 Érica Rivas Gatto - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

As experiências das infâncias através de narrativas das crianças no Instagram e WhatsApp

Resumo

O texto consiste no recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento sobre as experiências das infâncias através de narrativas das crianças no Instagram e no aplicativo de conversa WhatsApp, destacando considerações sobre os modos pelos quais as crianças narram sobre seus cotidianos e dialogam nesses espaços. Na tentativa de trazer algumas contribuições que permeiam esse processo da pesquisa, o trabalho procura destacar considerações sobre as infâncias contemporâneas e reflexões sobre cultura visual e narrativas das crianças.

Palavras-chave: Crianças; Narrativas; Cultura Visual; Infâncias Contemporâneas.

Por meio de estudos anuais desde 2012 sobre a atuação das crianças nas redes, a pesquisa *Tic kids online Brasil*, realizada pelo Cetic. Br, [1]apontou que entre este ano e 2017, crianças na faixa etária compreendida entre 9 e 10 anos, constituíam 74% e de 11 a 12 anos, 82% dos usuários de internet. Embora uma parte significativa das crianças possua acesso aos dispositivos móveis e vivencie a cultura digital, não podemos deixar de considerar as desigualdades existentes e a marginalização no acesso.

Ao perceber que as crianças conectadas ressignificam as possibilidades do brincar e do se divertir na cultura digital e com o propósito de contribuir no campo da educação com reflexões sobre as práticas infantis na contemporaneidade, o estudo pretende realizar discussões sobre o que as crianças narram no ciberespaço. No caminhar das crianças no Instagram surgem diversos modos de narrar suas vidas e vivenciar a infância, ora aparentemente pretensiosas e até narcísicas, ora mergulhadas nos cenários cotidianos.

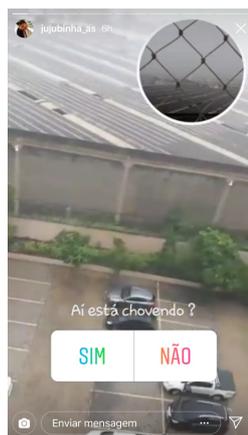
Nessa perspectiva, considera-se neste estudo, que a Cultura visual é utilizada para qualificar a conjuntura contemporânea, imersa nas imagens e nutre o interesse em como as crianças produzem e ressignificam as imagens. Assim sendo, ao tratar de Cultura visual, considera-se que o visual se enquadra em um certo espaço que fundamenta o que é criado, como o seu significado. As imagens produzidas pelas crianças são provenientes de um contexto e espaço, que possibilitam um determinado ambiente cultural (CAMPOS, 2012). Ao considerar o visual como um lugar em que se criam e discutem os significados (MIRZOEFF,1999), podemos considerar que as crianças interlocutoras da pesquisa participam dessa Cultura visual, priorizando a experiência cotidiana do visual em suas práticas.

Desse modo “*Que infâncias se mostram para nós no movimento da vida? O que nos dão a ver as crianças sem que nos afoitemos a interrogá-las?*” Pereira, Milanez e Viegas (2018), destacam as infâncias que se mostram no movimento da vida, nos caminhos vividos pelas próprias crianças. No caso da pesquisa em questão, as crianças demonstram através das imagens compartilhadas nas redes sociais, seus modos de experienciar e ressignificar a infância, em muitos momentos narrando o cotidiano com imagens produzidas por elas. Assim sendo, este estudo tem como intuito valorizar a “*autoria narrativa*” das crianças, legitimando as histórias de *vidas* narradas no ciberespaço, de forma mais específica no Instagram, pois de acordo com Girardello (2015, p.15) “(...) pela voz de suas crianças, as culturas falam (...)” e conforme Benjamin (2002, p.58) “com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande”.

Percebe-se que os relatos autobiográficos dessas crianças oferecem concretude a existência delas mesmas. As crianças utilizam as imagens (de si, dos outros e de situações cotidianas) para criar subjetividades/ formas de se expressar no ciberespaço e mostram-se nas telas como autoras, narradoras e personagens de suas próprias histórias, conforme aponta Paula Sibília (2016), revelando desta forma a autoria narrativa. De fato, nossas narrativas ganharam contornos audiovisuais e transmidiáticos, diferentemente do papel do narrador por Walter Benjamin. Essas novas narrativas valorizam mais o protagonista, do que o autor ou narrador do fato/ acontecimento. A presente proposta de estudo traz a questão da narrativa, não como a antiga arte de narrar mencionada por Benjamin, mas uma outra forma de narrar o cotidiano, como construção de si, das subjetividades.

No ciberespaço e no caso deste estudo especificamente no Instagram, através de fotografias e vídeos com legendas nos feeds e stories, as crianças contam/ narram suas vivências em situações corriqueiras, como no supermercado com os pais, dificuldades enfrentadas com um temporal, usos de maquiagens, passeios, momentos de

estudos em casa, no trajeto para a escola, durante as refeições, como nos exemplos abaixo:



A ênfase está na valorização das narrativas das crianças e nas relações alteritárias com seus seguidores. O objetivo é perceber de que forma esses sujeitos narram seus cotidianos através das imagens publicadas no Instagram e constroem modos de *experienciar* as infâncias, relacionando-se com seus seguidores e produzindo cultura.

As crianças e seus seguidores partilham de uma coletividade/ experiência comum. Por meio das histórias narradas por elas é possível observar o interesse na interação com seus seguidores, seja através de curtidas, comentários e enquetes publicadas nos stories (histórias do Instagram), visto que “criar histórias é uma necessidade humana (...)”, como destaca Girardello (2015, p.16).

No caminhar da pesquisa percebemos as singularidades das narrativas de cada uma das crianças e desta forma de suas infâncias, observando que o Instagram constitui-se como um espaço privilegiado para que as crianças contem suas histórias e assim produzir cultura. Segundo Kramer (2009, p. 294) “Longe da visão romântica ou ingênua que a modernidade construiu sobre a criança, para Benjamin ela está inserida na história, pertence a uma classe social, é parte da cultura e produz cultura. As crianças “fazem a história a partir do lixo da história (Benjamin, 1984, p.14)”.

Reflexões sobre o caminho percorrido...

Julia: *O que é mundo virtual? Porque eu ainda não sei isso.*

Pesquisadora: *Boa pergunta! Alguém saberia responder?*

Ana Julia: *Virtual é o mundo da internet, tipo WhatsApp é do mundo virtual.*

A pesquisa encontra-se em fase de aprofundamento teórico e produção de materiais para análise a partir das imagens compartilhadas pelas crianças (com faixa etária de 8 a 12 anos) no Instagram, bem como conversas *online* no direct do próprio Instagram e no aplicativo de conversa WhatsApp sobre essas imagens e outros temas que permeiam a infância contemporânea. Nesse espaço as conversas acontecem ora com cada criança individualmente, ora no grupo “Pesquisa...”, criado com as crianças, com a finalidade de um encontro entre elas e a pesquisadora, para conversar sobre as marcas infantis presentes no espaço virtual através de percepções das próprias crianças. Mais do que iniciar uma conversa com as crianças, sujeitos da pesquisa, compreendo que *aprender a perceber* os caminhos que percorrem nas redes sociais, colabora para entender as infâncias construídas e experienciadas por elas.

É importante destacar que nesse momento preliminar, o critério de seleção dos possíveis sujeitos foi circunstancial, ou seja, a escolha dos sujeitos com os quais tive contato não seguiu uma lógica de contexto social ou cultural, todavia ocorreu por proximidade ou vínculo, parentes ou filhos de amigos, e, posteriormente os demais foram surgindo, formando uma teia, por indicação em rede, na qual as próprias crianças com quem fui entrando em contato foram indicando seus pares, o que ampliou o contato com novas crianças. Até o momento já entrei em contato com 6 crianças, todas meninas. Esse processo aconteceu pelas indicações feitas pelas próprias crianças e traz pistas para pensar que esses contatos iniciais são grupos de amigos que se indicam por afinidades.

Na construção da pesquisa, cada escolha é um novo caminho a seguir e esse trajeto transforma-se ao longo do percurso. Diante dessas reflexões algumas questões e aspectos surgem, apontando possíveis caminhos: *Quais assuntos estão presentes nas narrativas das crianças? Esses assuntos fazem parte do cotidiano delas? Esses temas surgem a partir das relações tecidas no ciberespaço, com influenciadores digitais? Surgem a partir das relações com os seus seguidores ou das experiências cotidianas?*

Na epígrafe, trago o trecho de uma das primeiras conversas com as crianças no grupo criado com elas e percebo, conforme aponta Ferreira (2012, p. 2), que “(...) os livros, o professor e a escola não são mais as únicas e legitimadas fontes de informação e conhecimento. Os saberes circulam e se constroem, cada vez mais, colaborativamente.” Nessa perspectiva e considerando que as imagens produzidas e compartilhadas pelas crianças, bem como suas narrativas sobre

elas, são representações de como interpretam o mundo e constroem suas subjetividades, é necessário refletir sobre os olhares das crianças sobre a infância contemporânea, tal como as atuais práticas infantis nos espaços virtuais, tornando-se autoras de suas próprias histórias.

Em relação ao lugar social que as crianças ocupam nos espaços virtuais, Rita Ribes (2014) sinaliza que “esse lugar vem se mostrando um tanto paradoxal: por vezes se atribui às crianças uma quase inata *expertise*; por outras, as supomos frágeis e desprotegidas”. No caso do estudo em questão, o início do campo e o contato inicial com as crianças, possibilitou observar o modo como atuam nos espaços virtuais, trazendo pistas para perceber o que pensam sobre o que é ser criança no contexto atual.

As imagens fixas e em movimento produzidas pelas crianças nos ambientes virtuais que frequentam, constituem uma parcela da Cultura visual. Para estar conectada, a criança interlocutora da pesquisa constrói sua identidade nas redes sociais, como no Instagram e WhatsApp. Com o desejo de compartilhar as imagens produzidas e de exibir-se nas redes, as crianças conectadas apontam caminhos para a reflexão dos processos de construção das subjetividades infantis na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

CAMPOS, Ricardo. *A cultura visual e o olhar antropológico*. Revista Visualidades, Goiânia v.10 n.1 p. 17-37, jan-jun 2012.

GIRARDELLO, GILKA. *Horizontes da autoria infantil: as narrativas das crianças na educação e na cultura*. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. BOITATÁ, Londrina, n. 20, jul-dez 2015.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. A mediação dos dispositivos móveis nos processos educacionais. Revista Teias v. 13, n. 30, 209-226, set./dez. 2012.

KRAMER, Sônia. Educação a Contrapelo. In: JOBIM E SOUZA, Solange e KRAMER, Sonia. (Orgs.). Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2009.

MIRZOEFF, Nicholas. Que es la cultura visual? In: MIRZOEFF, Nicholas. Uma introducion a la cultura visual. Barcelona: Paidós, 2003.

PEREIRA, Rita Marisa. Entre o (en)canto e o silêncio das sereias: sobre o (não)lugar da criança na cibercultura. *Childhood & Philosophy*, v. 9, p. 319-344, 2014.

PEREIRA, Rita Marisa; MILANEZ, Fernanda de Azevedo; VIEGAS, Juliana Botelho. “Infância, cidades, invisibilidades: metodologias de Pesquisa em Construção”. (mimeo)

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: A intimidade como espetáculo*. 2. Ed; rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

[1] Com a missão de monitorar a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) – em particular, o acesso e uso de computador, Internet e dispositivos móveis – foi criado em 2005 o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). O Cetic.br é um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet do Brasil (Cgi.br). Informação disponível no site: <https://cetic.br/sobre/>. Acesso em 17/03/2019.